

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ÊMILY DE ARAÚJO EDWARDS

**IYALORIXÁ NICE D'XANGÔ: PROTAGONISMO E AGÊNCIA DA INTELLECTUAL
NEGRA NA PRODUÇÃO CULTURAL DA FESTA DE SÃO JORGE
EM JAGUARÃO-RS, FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (2018-2020)**

JAGUARÃO-RS

2020

ÊMILY DE ARAÚJO EDWARDS

**IYALORIXÁ NICE D'XANGÔ: PROTAGONISMO E AGÊNCIA DA INTELLECTUAL
NEGRA NA PRODUÇÃO CULTURAL DA FESTA DE SÃO JORGE
EM JAGUARÃO-RS, FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (2018-2020)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial e
obrigatório para obtenção de título de
Bacharel em Produção e Política Cultural,
pela Universidade Federal do Pampa.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Giane Vargas
Escobar

JAGUARÃO-RS

2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

E26i Edwards, Êmily de Araújo
IYALORIXÁ NICE D'XANGÔ: PROTAGONISMO E AGÊNCIA DA
INTELECTUAL NEGRA NA PRODUÇÃO CULTURAL DA FESTA DE SÃO JORGE
EM JAGUARÃO-RS, FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (2018-2020) / Êmily de Araújo
Edwards. 63p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa,
Bacharelado em Produção e Política Cultural, Campus Jaguarão, 2020.

“Orientadora: Profa. Dra. Giane Vargas Escobar”

1. Iyalorixá Nice D'Xangô. 2. Intelectual negra. 3. Festa de São Jorge 4. Racismo
Religioso 5. Agência I. Título. S.

ÊMILY DE ARAÚJO EDWARDS

**IYALORIXÁ NICE D'XANGÔ: PROTAGONISMO E AGÊNCIA DA INTELLECTUAL
NEGRA NA PRODUÇÃO CULTURAL DA FESTA DE SÃO JORGE
EM JAGUARÃO-RS, FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (2018-2020)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial e obrigatório para
obtenção de título de Bacharel em Produção e
Política Cultural, pela Universidade Federal do
Pampa.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em ____/____/____

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a Giane Vargas Escobar
Orientadora
UNIPAMPA

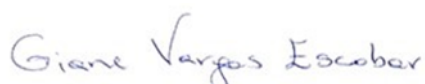
Prof^a Dr^a Sátira Pereira Machado
UNIPAMPA

M^a Janine Nina Fola Cunha
UFRGS

Ata de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Aos oito dias do mês de dezembro de dois mil e vinte, às dez horas, realizou-se na sala virtual <https://meet.google.com/rwc-xxii-adq>, do Google Meet, a defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado IYALORIXÁ NICE D'XANGÔ: PROTAGONISMO E AGÊNCIA DAINTELECTUAL NEGRA NA PRODUÇÃO CULTURAL DA FESTA DE SÃO JORGE EM JAGUARÃO-RS, FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (2018-2020), de autoria da discente **Emily de Araújo Edwards** matrícula **151152752**, do Bacharelado em Produção e Política Cultural, UNIPAMPA Campus Jaguarão, orientada por Giane Vargas Escobar. Conforme a avaliação dos membros da banca, o trabalho foi considerado APROVADO. Sem mais a tratar, lavram os membros da banca esta ata.

Jaguarão, 08 de dezembro de 2020.

A handwritten signature in blue ink that reads "Giane Vargas Escobar".

Prof^a. Dr^a. Giane Vargas Escobar (UNIPAMPA)

Presidenta da banca examinadora

A handwritten signature in blue ink that reads "Janine".

Ma. Janine Nina Fola Cunha (UFRGS)

Examinadora

A handwritten signature in blue ink that reads "Sátira Machado".

Prof^a. Dr^a. Sátira Pereira Machado (UNIPAMPA)

Examinadora

Dedico este trabalho à memória viva de minha avó Edith Santos de Araújo e minha mãe Edith Edna Santos de Araújo e todas as mulheres *ikamiabas* de nossa aldeia.

“Nosso povo nunca alimentou tristeza.”

AGRADECIMENTO

Peço licença e bênção a todos meus mais velhos e aos mais novos para o início esse agradecimento. Primeiro agradeço aos ancestrais por sempre ensinarem como trilhar o melhor caminho, através da grande força de nossos orixás! *Patacori Ogum: Ogum Iê! Arroboi Oxumarê! Kawó Kabiecile Xangô! Ora yê yê ô Oxum! Odoyá Yemanjá! Epa Epa Babá Oxalá!*

Agradeço à minha mãe Edith Edna Santos de Araújo por ter sempre acreditado, antes mesmo que eu nascesse, falasse ou andasse foste tu, quem primeiro acreditou em todas as vitórias que nós conquistaríamos e assim, permanecemos a conquistar.

Saúdo Xangô pela vida de minha Iyalorixá Nice D’Xangô por esse encontro de tantas e tantas léguas para que eu pudesse sentir a força do axé dessa grande família que me acolhe e que sou parte com muito orgulho: o Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô. Estes escritos são frutos de tua majestade.

À minha orientadora Giane Vargas Escobar por permanecer. Por ser espelho de tantas possibilidades e guerrear junto daqueles que muitas vezes acreditam que jamais conseguirão vencer. És inspiração, honro a coroa que mantêm-se sobre teu Ori, querida orientadora, agradeço por tudo que apresentaste desde que aqui em Jaguarão chegaste.

À professora Sátira Machado e à mestra Janine Nina Fola Cunha pelo aceite do convite para fazer parte da minha banca examinadora, para mim é de grande importância, as admiro pela intelectualidade negra que movimentam, as saúdo pela orixalidade que as acompanha!

Agradeço a minha irmã Shirlei Pereira Rosa, me ensinas muito. Desejo que nossos caminhos confluem para novos “1 de julho de 2018”. Orayêyê ô Oxum!

Todas vocês inspiram a luta pela realização de nossos sonhos! Esta iniciação devo à vocês!

Agradeço, mulheres negras guerreiras pela existência! As honrarei por toda a caminhada! Axé!

*“Escrever é uma forma de
sangrar”*

Conceição Evaristo;
“Agente combinamos de não morrer”
2016.

RESUMO

O presente trabalho evidencia a trajetória da intelectual negra Iyalorixá Nice D’Xangô, problematizando questões de identidades negras, protagonismo, agência e produção cultural, tendo como objetivo principal investigar como se estruturou a Festa de São Jorge de Jaguarão-RS, entre os anos de 2018 a 2020. A pesquisa de caráter qualitativo evidencia as ações impulsionadas pela liderança de uma mulher negra de axé no contexto fronteiriço Brasil-Uruguai, bem como as tensões na falta de adesão do poder público no fomento a eventos negro-religiosos no município. A investigação utiliza-se de fontes documentais e entrevista, aliando-se ao pensamento de Silvio Almeida, que conceitua racismo estrutural, Helena Theodoro que nos ensina o que é ideologia do axé, Bruno Rohde e Emília Mota na contextualização histórica da religiosidade negra no Brasil e a anunciação da Umbanda e Ama Mazama que aborda afrocentricidade como método de reestruturação da sociedade. Percebemos a produção cultural enquanto campo de luta e disputa de recursos nesta sociedade desigual e que é imprescindível reconhecer o protagonismo de nossas mais velhas para poder seguir num caminho de prosperidade, dando continuidade a uma agenda cunhada pela ancestralidade negra.

Palavras-Chave: Iyalorixá Nice D’Xangô, Intelectual negra, Festa de São Jorge, Racismo religioso, Agência.

ABSTRACT

El presente trabajo destaca la trayectoria de la intelectual negra Iyalorixá Nice D'Xangô, problematizando temas de identidades negras, protagonismo, agencia y producción cultural, con el objetivo principal de investigar cómo se estructuró la Fiesta de San Jorge de Jaguarão-RS, entre los años de 2018 a 2020. La investigación cualitativa muestra las acciones impulsadas por el liderazgo de una mujer negra de axé en el contexto fronterizo Brasil-Uruguay, así como las tensiones en la falta de adhesión del poder público en la promoción de eventos religiosos negros en el municipio. La investigación utiliza fuentes documentales y entrevistas, uniéndose al pensamiento de Silvio Almeida, que conceptualiza el racismo estructural, Helena Theodoro que nos enseña qué es la ideología axé, Bruno Rohde y Emília Mota en el contexto histórico de la religiosidad negra en Brasil y el anuncio de Umbanda y el pensamiento de Ama Mazama que aborda el afrocentrismo como método de reestructuración de la sociedad. Percibimos la producción cultural como un campo de lucha y disputa por los recursos en esta sociedad desigual y que es fundamental reconocer el protagonismo de nuestros mayores para poder continuar en un camino de prosperidad, continuando una agenda acuciada por la ascendencia negra.

Palabras – clave: Iyalorixá Nice D'Xangô, Intelectual negra, Fiesta de São Jorge, Racismo religioso, Agencia.

LISTA DE FIGURAS

Figura I - yawô Êmily D'Oxumarê, Iyalorixá Nice D'Xangô e yawô Shirlei D'Oxum, no dia da entrevista, 23 de setembro de 2020	29
Figura II - Dona Beca, Iyalorixá Nice D'Xangô e Sidnei Almeida, na casa dos pais, rua Dr. João Azevedo, 117, Cerro da Pólvora, Jaguarão, RS, 2015	31
Figura III - Foto de Pai Edi Machado D'Ogum, o Edi Polo Ledesma Machado e sua esposa, Maria Elena Marques Machado	33
Figura IV - Iyabassé Jéssy D'Yemanjá na Pedreira do Cerro da Pólvora de Jaguarão, RS, 2020.....	34
Figura V - Figura IV - Babalorixá Nilo D'Xangô, Rio Grande – RS	36
Figura VI - Oficina de turbantes do dia da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha em 2014, no Clube Social e Ponto de Cultura 24 de Agosto, 2014.....	38
Figura VII - Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô, 2020.....	39
Figura VIII - Iyalorixá Nice D'Xangô e a Doutora Giane Vargas Formalização do convênio do Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô com a Unipampa - Curso de História Licenciatura - Campus Jaguarão, para realização de estágios em espaços não-escolares, na disciplina Estágio Supervisionado III em 29 de setembro de 2017.	40
Figura IX - Apresentação dos Conselheiros de Política Cultural do município de Jaguarão, 2019.....	41
Figura X - Iyalorixá Nice D'Xangô no Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô, junto de aluno da escola EMEF General Antônio de Sampaio na conclusão do estágio supervisionado no curso de História - UNIPAMPA, 08 de dezembro 2017.....	43
Figura XI - Fachada do antigo terreiro do Sr. Edi Machado D'Ogum, no bairro Carvalho, 2016.....	44
Figura XII - Festa de São Jorge de Jaguarão, 24 de abril de 2011.....	46
Figura XIII - Rodriguinho Machado da Costa, Iyalorixá Nice D'Xangô, Yawô Aline D'Oxum, Yawô Susy D'Oxum, Festa de São Jorge Jaguarão, 2012.....	47
Figura XIV - Festa de São Jorge 2018, Centro de Comércio Informal, 2018.	48
Figura XV - Mapa de percurso da 7ª Festa de São Jorge de 2018.....	50
Figura XVI - Divulgação da Festa de São Jorge de Jaguarão, 2019.....	51
Figura XVII - Projeto Salve Jorge na escola Municipal Manoel Pereira Vargas, 2020.	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA.	18
2.1 Racismo Estrutural.....	18
2.2 Racismo Religioso.....	21
2.3 Agência.....	24
3. METODOLOGIA.	26
4.MÃE NICE D’XANGÔ E O ILÊ AXÉ MÃE NICE D’XANGÔ: INTELECTUALIDADE E PRODUÇÃO CULTURAL NEGRA NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI	29
4.1 <i>“Ajunta folha com folha Tatamirô, ajunta galho com galho Tatamirô, eu sou filho dessa aldeia Tatamirô, essa aldeia me protege Tatamirô”</i> : A Festa de São Jorge de Jaguarão	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
6. REFERÊNCIAS.....	52
7.APÊNDICE.....	55
7.1 APÊNDICE A – Roteiro básico de entrevista.....	56
7.2 APÊNDICE B – Autorização do uso de imagem, som de voz, nome e dados biográficos	60

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como **tema central** a Festa de São Jorge de Jaguarão, realizada há oito anos na cidade e tem sido protagonizada pela intelectual negra Iyalorixá Nice D’Xangô na produção e promoção do festejo negro-religioso. O **problema** que delinea essa pesquisa versa sobre a constante invisibilização e deslegitimação do poder público em relação à fruição e manutenção da cultura negro-religiosa na cidade, bem como o reconhecimento próprio da ideologia do axé (THEODORO,1996), na perspectiva da trajetória da Iyalorixá Nice D’Xangô enquanto agente cultural no cenário de fomento e produção deste festejo.

Durante meu processo de graduação no bacharelado em Produção e Política Cultural na cidade fronteira de Jaguarão no Rio Grande do Sul, a conexão do ser e estar teve muito da estranheza. Saí de Manaus, onde nasci e migrei quatro mil quilômetros para conhecer o desconhecido nessas bandas sulistas para então fazer parte da tão sonhada universidade pública, num roteiro próprio de estranhezas e euforias. Sou filha de Edith Edna Santos de Araújo, mulher negra e benjaminense, que antes mesmo de eu ter tido consciência desse plano, já tinha visitado os minuanos sulistas, quando estudou na Universidade Católica de Porto Alegre e foi a primeira de nossa família a estar no meio universitário, abrindo os caminhos da academia para nossos olhos e pensamento, trazendo o espelho como ferramenta da representação, nos dizendo “*Vamos! É possível arriscar!*” Estranhei quando cheguei ao Rio Grande do Sul e, ao mesmo tempo, sentia a sensação da certeza no caminho me acompanhava. Foi o vento ancestral da sementeira que me movimentou, um vento que mãe Edith, quarenta anos antes, abriu caminho para que eu pudesse me embalar.

O curso de Produção e Política Cultural sempre foi majoritariamente formado por alunos de outros estados do Brasil. É uma formação que chama atenção pela discussão política que implica sua grade curricular, a localização fronteira atrai muitos “*brasis*” para a Universidade Federal do Pampa, a Unipampa Campus Jaguarão. O que faz com que se criem novas formas de sociabilidade para que estejamos mais próximos da realidade da cidade. E foi em 2016, num desses eventos propostos por colegas de graduação que conheci a Mãe Nice D’Xangô.

O evento “Ocupação Artística” contou com a presença de vários agentes culturais da cidade, uma oportunidade de conhecer e se conectar com as sabedorias da cidade. Avistei então, a certa distância uma mulher negra, com turbantes sob a sombra de uma

aroeira, à beira do rio, com alguns paramentos e instrumentos percussivos sendo expostos na grama verde do cais.

Em meio aos instrumentos ali dispostos, avistei um instrumento de percussão, o agogô de coco, que no mesmo instante fui correndo para saudá-la no intento de tocá-lo. Ao ouvir o som que fez o agogô, fui transportada na memória para minha casa, minha terra natal, o quintal de meus avós à beira do rio negro, cheio de castanheiras que ficavamos batucando pendurados nas árvores e de imediato, o sentimento de acolhimento se manifestou. Foi assim, em meio a estas sensações, que conheci a Iyalorixá Nice D’Xangô e o que aqui escrevo é o substancial ao que as encruzilhadas da vida me apresenta: o movimento de afirmação da identidade através do culto à ancestralidade.

Com certo tempo transitando alguns espaços na cidade, foi que notei o reconhecimento à trajetória da Iyalorixá Nice D’Xangô, fosse através do tratamento que a comunidade lhe tinha e pelas lembranças de momentos outros em que estiveram juntos e pelos que ainda viriam, uma companheira e agente cultural na luta pela liberdade das vidas negras da cidade. Estando em diversos espaços, com suas proposições e contribuições como, por exemplo, as atividades e produções que promove na cidade, como a Festa de Yemanjá, Festa da Oxum, Festa de São Jorge, Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, Dia do Samba, a Semana da Consciência Negra de Jaguarão e muitas outras atividades pelo caminho.

Mediante o reconhecimento da Yalorixá em meio ao movimento negro da cidade, atrelado aos movimentos culturais que ela desenvolve, através da idealização e realização de festejos negro-religiosos e eventos de incentivo à cultura e identidade negro-brasileira há muitos anos, pude notar que a relação dela com o poder público municipal configura-se de ausências e instabilidades no que tange à aderência de políticas públicas de promoção de equidade racial e religiosa. Nesse sentido, o **objeto de reflexão** deste estudo é o protagonismo da Iyalorixá Nice D’Xangô enquanto intelectual e produtora cultural negra e a receptividade do poder público no fomento de eventos negro-religiosos no município de Jaguarão.

O **corpus** da pesquisa se compreende a partir de entrevistas, fotografias, vídeos, jornais, folhetos das festas de São Jorge do período de (2018-2020) e aplicação de questionário. O **objetivo principal** desta pesquisa é investigar como a Festa de São Jorge entre os anos de 2018 a 2020, se estruturou, traçando um paralelo nas relações entre a intelectual e produtora cultural negra Iyalorixá Nice D’Xangô e o poder público municipal jaguarense.

Os **objetivos específicos** deste estudo são: 1. Identificar as ausências e instabilidades das Políticas Públicas locais e suas disparidades na relação à Promoção de Políticas de Equidade Racial do município de Jaguarão. 2. Demarcar a trajetória da intelectual e produtora cultural negra, Iyalorixá Nice D’Xangô, no contexto da cidade de Jaguarão. 3. Problematizar sobre relações étnico-raciais, para além do caráter de denúncia, refletindo sobre questões sociais, políticas e culturais.

As **hipóteses** desta pesquisa compreendem que 1. A disparidade na relação entre o poder público e às produções negro-religiosas se associam à ausência de adesão e vontade política das instâncias governamentais, bem como na implementação de políticas públicas de incentivo a Promoção da Equidade Racial. 2. Os baixos fomentos/incentivos a eventos negro-religiosos estão diretamente associados ao racismo estrutural e religioso.

A presente investigação tem como base a **pesquisa qualitativa**, buscando relacionar à construção da cultura negro-religiosa no imaginário social jaguarense, bem como as articulações de fomento das políticas públicas em cultura no município, visando uma análise cultural. Dessa forma, as principais categorias de análise são: festejo negro-religioso, religiosidade negra, mulher negra-religiosa, Iyalorixá, identidade negra, racismo estrutural, racismo religioso e políticas públicas em cultura.

No **primeiro capítulo** apresenta-se a introdução e a contextualização de minha proximidade com o tema da pesquisa. No **segundo capítulo** trago como conceitos gerais e revisão de literatura o conceito **de racismo estrutural** cunhado por Silvio de Almeida (2018), a fim de apresentar as tensões de poder que estão postas nas relações sociais, bem como a construção do imaginário social em relação ao negro, através de Luiz Silva Cuti (2010). Ainda no mesmo capítulo, iremos apresentar alguns diálogos bibliográficos a propósito de contextualizar o histórico de tratamento praticado às religiões de matriz africana, compreendendo o que é o **racismo religioso**. Por fim, será tratado o conceito de **agência**, evidenciando a Iyalorixá Nice D’Xangô.

O **terceiro capítulo** apresenta a **metodologia** que tem como base a pesquisa qualitativa, segundo Isabel Guerra (2006), buscando relacionar à construção da cultura negro-religiosa no imaginário social jaguarense, bem como as articulações de fomento das políticas públicas em cultura no município, visando uma análise cultural. Dessa forma, as principais categorias de análise são: festejo negro-religioso, religiosidade negra, mulher negra-religiosa, Iyalorixá, identidade negra, racismo estrutural, racismo religioso e políticas públicas em cultura.

O **quarto capítulo** “*Mãe Nice D’Xangô e o Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô: Intelectualidade e produção cultural negra na fronteira Brasil - Uruguai*” apresenta um breve histórico da trajetória da mulher negra e Iyalorixá nascida e criada no extremo sul do Brasil, pautando questões sobre a construção de sua identidade e visões de mundo antes e depois de sua feitura de santo. No subcapítulo intitulado: “*Ajunta folha com folha Tatamirô, ajunta galho com galho Tatamirô, eu sou filho dessa aldeia Tatamirô, essa aldeia me protege Tatamirô*”: *A Festa de São Jorge de Jaguarão* contextualizamos o território religioso em que a mãe-de-santo realiza o seu culto à ancestralidade e a sua família religiosa e por fim destacamos a realização da Festa de São Jorge (2018-2020).

2. CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

2.1 RACISMO ESTRUTURAL

A pesquisa tem como sujeita a Mãe Nice D’Xangô, intelectual negra e produtora cultural que enaltece a cultura negra em diferentes espaços da cidade de Jaguarão e incube discussões acerca de identidade negra e o racismo estrutural no Brasil. Identidade negra será aqui compreendida enquanto categoria de definição de um grupo, pela natureza que implica possuir o cargo de Yalorixá ou Mãe-de-Santo definida por uma trajetória religiosa e pelo reconhecimento da comunidade praticante. Ser Iyalorixá, é “ser considerada a guardiã e portadora do axé - força vital - dos saberes tradicionais de matrizes africanas, baseados nos valores civilizatórios da cultura afro brasileira” (THEODORO, 1996). É a *Yalorixá* quem inicia os *yawôs* ou “filhos de santo” no Candomblé, é quem dá continuidade ao pensamento e a ideologia do axé, na comunidade. Este é o cargo mais elevado dentro do culto aos Orixás.

A Iyalorixá Nice D’Xangô, há mais de uma década, têm promovido atividades e eventos de enaltecimento à cultura negra na cidade de Jaguarão tanto em caráter religioso ou não; atividades estas que são reconhecidas pelo movimento negro jaguarense pela articulação que a Mãe-de-Santo dispõe em sua trajetória. Segundo Lélia Gonzalez (2018), o racismo é uma construção ideológica onde as práticas concretizam-se em diferentes processos de discriminação racial “(...)Enquanto discurso de exclusão que é, ele tem sido perpetuado e reinterpretado, de acordo com os interesses dos que dele se beneficiam” (GONZALEZ, 2018, p. 41).

As produções que a Iyalorixá propõe são executadas de forma autônoma e da articulação dos movimentos negros da cidade. O Clube 24 de Agosto, o grupo de Capoeira Ararirê Oxóssi junto ao contra mestre Dinho, e a UNIPAMPA sempre foram parceiros nos eventos realizados: Semana da Consciência Negra, Dia da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha, e as Festas de São Jorge junto com o Paulinho D’Xangô, que mesmo sem dinheiro público, sempre se uniu e realizou suas atividades e lutas, ocupando as ruas principais da cidade.

A ausência do incentivo público nas mais diversas produções de promoção da cultura negra na cidade de Jaguarão nos faz pensar que essa falta de fomento pode ser considerada uma sintomática do racismo estrutural, cunhado por Silvio Almeida:

O racismo é definido pelo seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas (ALMEIDA, 2018, p. 27).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹ de 2010 demonstra a estimativa de 586 praticantes da religiosidade de matriz africana em Jaguarão. Em 2017, Nelson Luís Corrêa em sua monografia intitulada “*Experiências e sensações: um estudo de caso em um terreiro de candomblé Angola na cidade de Jaguarão*”². Em seu trabalho, fez a visita em 22 casas de matriz africana e destacou a possibilidade de 207 ou 225 casas de religião de matriz africana na cidade.

A Festa de São Jorge de Jaguarão é realizada há uma década na cidade e, em 2019, houve a participação de aproximadamente 400 participantes do festejo umbandista. A Festa de São Jorge compõe o calendário de eventos do Município³ (2018) e do Estado do Rio Grande do Sul⁴ (2019), uma conquista e iniciativa do Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô para

¹Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/jaguarao/pesquisa/23/22107?detalhes=true&fbclid=IwAR0NkjSqLGPBi9IJ5v8wTiUMqhasGF4w8mrOYtzGn2PM_08K-xPMg-j4Ez0>. Acesso em 8 de Setembro de 2020

²Trabalho de Conclusão de Curso de Nelson Luís Corrêa. Disponível em: <http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/historia/files/2014/05/correa_nelson_experiencias-e-sensacoes-um-estudo-de-caso-em-um-terreiro-de-candomble-angola-na-cidade-de-jaguarao.pdf> Acesso em 24 de janeiro de 2019

³ Festa de São Jorge no calendário Municipal de Jaguarão. Disponível em: <https://www.jaguarao.rs.gov.br/?page_id=507> Acesso em 10 de julho de 2020.

⁴ Festa de São Jorge no calendário de eventos do estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www.turismo.rs.gov.br/evento/9458>> Acesso em: 24 de janeiro de 2020.

assegurar sua permanência do festejo nas ruas da cidade e tensionar maior comprometimento das instâncias governamentais ao fomento da festa.

Demarcando os mecanismos racistas naturalizados, destaca-se no ano de 2019 o repasse de mais de 56 mil reais para a Festa Farroupilha no município de Jaguarão e cerca de 3mil reais para a Semana da Consciência Negra. O calendário de eventos da cidade de Jaguarão possui 3 eventos “reconhecidos”: Semana da Consciência Negra, Dia Municipal da Religião Umbanda e a Festa de São Jorge de Jaguarão.

Cuti (2010) afirma: “a constituição do imaginário de uma população é feita especialmente pela produção cultural”. Desta forma, poder público em sua responsabilidade no incentivo e difusão da produção de conhecimentos acerca da negritude, ao negar-se à fomentar a cultura negra, em devida proporção e importância na construção da cultura brasileira, posiciona-se conivente com a lógica sintomática estrutural racista.

O racismo constitui-se na construção da diferença onde a cultura negra em perspectiva ao pensamento branco é vista como diferente devido à origem racial e pertença religiosa. A construção da diferença se articula com a estrutura de poder, tendo em vista que, o grupo de poder é quem define a norma, portanto a normativa branca se predispõe na construção da episteme social brasileira. Grada Kilomba (2018) afirma:

Nós nos tornamos visíveis através do olhar e do vocabulário do “sujeito branco” que nos descreve: não são nossas palavras nem nossas vozes subjetivas impressas nas páginas de revista, mas sim o que representamos fantasmagoricamente para a nação branca e seus verdadeiros nacionais (KILOMBA, 2018, p.71).

A construção racista no Brasil permeia a estrutura construída na época colonial, onde a branquitude, para a manutenção do poder escravocrata no país, explorou o povo negro enquanto mão de obra e subserviência. Grada Kilomba (2018, p.71) define racismo como “um problema teórico e prático significativo”. Desta forma, a origem da discriminação sobre a negritude no Brasil, segundo Cuti (2010), “não é de origem, ainda que a ideia tenha ficado lá na época da colônia, esta concepção está na construção do pensamento de grande parte da população, não deixando de lançar suas ramificações no presente”. Com isto, temos grande parte da produção epistemológica brasileira racializada, narrativas em negritude têm sido negativadas e negadas, racistas, expressa em livros, artigos e as mais diversas formas de produção cultural ao longo de décadas de produção

teórica e ensino, fomentando a ideia de que o negro culturalmente encontra-se na ausência de capacidade, culminando toda a sintomática estrutural do racismo, como Silvio Almeida (2018) afirma:

O racismo é uma decorrência de própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção (ALMEIDA, 2018, p. 36).

Dentro desta abordagem, entendemos que o racismo, em sua amplitude, se apresenta em forma de produção de sentido, reverberando tanto do indivíduo para o coletivo, como do coletivo para o indivíduo em um processo constante. Desta forma desenvolve-se a sintomática racista institucional e, por conseguinte, estrutural, na acepção e compreensão da cultura negra e na identidade imaginária da sociedade relacionada à negritude no Brasil e, não diferente, na cidade de Jaguarão, quanto ao fomento de atividades e eventos que não promovem a equidade racial.

2.2 RACISMO RELIGIOSO

Religião é um complexo cultural composto de crenças, práticas e simbolismos vinculados ao culto à espiritualidade. Sob essa identificação epistemológica religiosa, grupos se reúnem e se organizam no entendimento de que suas existências, valores, linguagens e conhecimentos são ramificações da ancestralidade ou realidade transcendente em que sua cultura religiosa evidencia.

No Brasil, as religiões de matriz africana foram formadas a partir da diáspora negra, portanto nelas residem elementos tradicionais africanos. Relacionado à África em transmigração, na construção da cultura brasileira e concomitantemente ao culto às divindades do panteão africano no Brasil, compreendemos as religiões de matriz africana, enquanto a cultura religiosa que agrega diversas influências e práticas de diferentes localidades do continente africano (Orixás, Voduns, Inkices) e distintas expressões que se formaram no território brasileiro, algumas com maior característica de elementos africanos e outras menos.

Tratando-se de um cenário racializado, não utilizaremos o termo “intolerância religiosa” considerando a amplitude a qual o conceito poderá e/ou está difundido, onde

inclusive, muitos autores utilizam do termo para tratar de questões associadas ao preconceito e discriminação relegada às religiões de matrizes africanas, por isso aqui consideremos o racismo religioso.

Esta temática da discriminação e do racismo religioso remonta a outros tempos e possui marcante tensão nas relações sociais daqueles que são adeptos de religiosidade negra. Para isto, será pincelado um pouco da construção do pensamento moderno para que possamos vislumbrar as sucessivas desqualificações relegadas pelas religiões de matrizes africanas, que por sua aceção do mundo foram marginalizadas e tidas como inferiores.

Segundo Bruno Latour (2002; 2013) na modernidade é que a compreensão de mundo tenta distribuir e organizar os seres por meio de uma separação entre o cultural/social e a natureza. Diante disso, têm-se uma caracterização binária, onde a natureza e a sociabilidade compreendida como cultura moderna passam a ser tratadas dentre mesclas e separações na tendência/concepção do pensamento na modernidade. Ocorre que as “religiões” de matriz africana não se compreendem enquanto “religare” palavra do latim que significa religar, e que deu origem à palavra e concepção religião no ocidente. As religiosidades negras configuram-se enquanto a unicidade dos seres humanos com a natureza e a natureza é a personificação da própria divindade, os Orixás. O Tempo é uma divindade. O universo é considerado em termos de espaço e tempo. (THEODORO, 1996, p.65).

O Candomblé é o culto à harmonização e manutenção do axé (energia vital), onde a ligação com o sagrado está sempre presente, onde a compreensão do mundo está relacionada à harmonia com a natureza que é a sua divindade central. Dito isto, compõe-se a importância de narrar em perspectiva histórica, à necessidade que os povos tradicionais de matriz africana tiveram para serem compreendidos enquanto religiosidade.

No fim do século XIX, a medicina e a jurisdição fomentaram a criminalização do culto negro em suas associações: a religiosidade¹ de matriz africana, a capoeira e o curandeirismo, por exemplo, eram perseguidos sob o aval da legislação vigente:

No artigo 179 do código criminal de 1831, que defendia as práticas religiosas desde que não ofendessem a moral pública, moral pautada no cristianismo e nas consequências da colonialidade. Ou no artigo 157 do Código penal de 1890 que proibia o espiritismo, a magia e seus sortilégios (MOTA, 2018, p. 27).

Estes artigos citados muniam as interpretações policiais, que perseguiam tudo aquilo que consideravam “mau” espiritismo - relacionada às religiões de matrizes

africanas. Os discursos eram atribuídos por difundir-se a crença de que essas manifestações culturais negras estavam associadas a ideais primitivos, inferiores e atrasados, um pensamento colonial e racista.

Após evocar essas narrativas, será descrito um pouco sobre as religiosidades de matriz africana e/ou povos tradicionais de matriz africana. O Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô é uma roça que cultua tanto a Umbanda como o Candomblé e, tratando-se desta pesquisa sobre a “Festa de São Jorge” na cidade de Jaguarão e o santo homenageado ser um santo cultuado no catolicismo, já se desenha a natureza sincrética-religiosa da Umbanda no festejo.

A Umbanda é uma religiosidade brasileira que possui elementos de religiões de matriz africana, catolicismo e espiritismo, daí sua natureza sincrética. É originária do sudeste brasileiro, formada no início do século XX. A fundação/anunciação da Umbanda foi no dia 15 de novembro de 1908, no Rio de Janeiro, onde Zélio de Moraes numa mesa espírita incorporou o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Nessa reunião manifestaram-se diversos espíritos de negros escravizados e indígenas nos médiuns presentes, e estes, eram convidados a se retirar pelo dirigente espiritual, pois essas entidades eram compreendidas como atrasadas espiritualmente, culturalmente e moralmente. Nesse contexto, o Caboclo das Sete Encruzilhas manifestou-se e proferiu um discurso de defesa das entidades que ali estavam presentes, em detrimento da discriminação pela ancestralidade a qual essas entidades se originam - lê-se negros e indígenas. (ROHDE, 2019, 82). Ainda sob manifestação, o Caboclo das Sete Encruzilhadas em Zélio mencionou que seria então fundada um tenda espírita em que as entidades de negros escravizados e indígenas pudessem se manifestar, e que esse culto chamaria-se Umbanda.

A importância desse aporte histórico implica fundamentar que a criação/anunciação da Umbanda construiu-se em face da concepção racista do espiritismo. Como (MOTA, 2018) menciona “É como se a base cristã fosse uma esfera acima e quase inata do nosso país. E, as outras religiões, apenas parte de referências culturais”. Parto desta afirmativa pois o espiritismo, bem como a doutrina espírita, possui como matriz o pensamento eurocêntrico e, por conseguinte, o evangelho cristão.

Makota Valdina (2005), numa publicação intitulada “Educação para a convivência pacífica entre religiões.” menciona de que forma a religiosidade cristã e ramificações na sociedade, estruturam o entendimento sobre a cultura e religiosidade negra no Brasil:

A falta de respeito, de compreensão e consideração ao modo de ser dos povos africanos, a intenção de dominar e de impor a sua cultura, os seus valores, a sua visão de mundo por parte dos estrangeiros colonizadores contribuíram, e muito, para as visões distorcidas e concepções errôneas de hoje, referentes às heranças dos povos africanos para aqui trazidos na condição de escravos, sobretudo no que se refere às expressões de religiosidade, às formas de espiritualidade com base em tradições africanas (PINTO, 2005, p.6).

Mediante tal concepção, o tratamento relegado às religiões de matriz africana e/ou povos tradicionais de matriz africana, encontram-se sob a construção política e epistemológica do racismo religioso e por consequência, do racismo estrutural. Esse tratamento é sintomático de toda estrutura social, onde a manutenção do poder desloca toda a construção do pensamento humano no ideal da hegemonia cultural eurocêntrica, desenvolvendo estratégias de manutenção do poder colonizador racista em relação à cultura negra, bem como da negritude no Brasil e suas ramificações religiosas.

2.3. AGÊNCIA

A identidade e representatividade da Iyalorixá Nice D’Xangô, primeiro enquanto mulher negra e por conseguinte, como pertencente e mantenedora de uma casa de matriz africana perante ao terreiro, é que gera o seu protagonismo no seu envolvimento político, militante e ativista na produção cultural jaguareense. O reconhecimento é, portanto, a chave da representatividade.

A pesquisadora Giane Vargas Escobar (2017) em sua tese de doutorado pela Universidade Federal de Santa Maria amplia o conceito de representatividade inserindo a questão de raça, a partir dos estudos culturais e nos trouxe o pensamento de Raymond Williams (2007), que nos explica que “*Representar logo adquiriu uma gama de sentidos relacionados a tornar presente: no sentido físico, de apresentar a si mesmo ou a outrem, muitas vezes uma autoridade; mas também o sentido de tornar-se presente na mente [...]*” (WILLIAMS, 2007, p. 353 *apud* ESCOBAR, 2017, p. 139).

O que Williams, um dos pais dos Estudos Culturais na Inglaterra, oriundo de uma família da classe operária, não trouxe em seu conceito foi a questão racial, pois não era uma pessoa negra e a lente pela qual ele enxergava fez com que apenas as questões de classe social ganhassem representatividade em seus estudos.

Nesse sentido, acreditamos que representatividade é atravessada por questões de gênero, raça e classe social, que são indissociáveis. Importante destacar o conceito de

afrocentricidade (MAZAMA, 2009), pois ela se encontra no terreiro pela sua estrutura-base de tradição da matriz africana. Portanto, a Iyalorixá é a mãe que possui o orixá e ser mãe implica zelar e cuidar de seus filhos e filhas - iniciados - que nasceram a partir da sua mão de Iyá. Só se possui cargos nas comunidades-terreiro pelo reconhecimento de todos que dele fazem parte. A filosofia ubuntu expressa a ética a qual a comunidade de matriz africana tem como pilar: sou porque nós somos! Segundo Renato Nogueira (2012)

Ubuntu pode ser traduzido como “o que é comum a todas as pessoas”. A máxima zulu exhosa, umuntu ngumuntu ngabantu (uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas) indica que um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos. (NOGUEIRA, 2012, p. 148).

A identidade e representatividade da Iyalorixá Nice D’Xangô, entendendo esta como uma confluência da mulher negra Eunice Magale Santos Almeida e a Iyalorixá, “Mãe Nice D’Xangô” como pertencente e mantenedora de uma casa de matriz africana perante ao terreiro, é que gera o seu protagonismo no seu envolvimento político, militante, afetivo e ativista na produção cultural jaguareense.

A identidade negra positivada e, portanto, relacionada à uma comunidade-terreiro, produz o sentido da liberdade, quando a Iyalorixá organiza e articula com seus pares na luta contra o racismo e, portanto, contra a negação da identidade negra, é onde o agenciamento se estrutura e dinamiza. Segundo Mazama (2009, p. 111), “afrocentricidade é o meio no qual a negritude pode operar como agente autoconsciente de sua realidade, assim idealizando a reestruturação da sociedade em face das injustiças em que as populações negras têm sido acometidas.”

Através na afrocentricidade é possível ampliar as normativas racistas, onde o protagonismo negro autoconsciente, cunhado pela Iyalorixá Nice D’Xangô seu Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô, possibilita os mais diversos movimentos e articulações, promove ideais e os pensamentos de fortificação e enaltecimento do apoderamento da cultura negra, trazendo o olhar positivo e de auto-reconhecimento da negritude jaguareense, bem como da religiosidade negra na comunidade.

Compreendemos aqui por agenciamento como o método que se desenvolve partindo da identificação enquanto protagonismo. Tornar-se negro (SOUZA, 1983) é ser agente político na construção de uma sociedade que ainda alimenta ideais racistas, é criar novas redes de dinamização para construir o poder de realização e educação anti-racista. O grupo negro compreendendo-se enquanto agente e, portanto, protagonista de sua própria

história (MAZAMA, 2009), dá continuidade a agenda da comunidade negra no projeto de reestruturação a lógica do sistema branco.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa se desenvolveu através da vivência da autora e *yawô* do Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô, portanto, trata-se de uma pesquisa etnográfica e observação participante, sendo entrevistada a Iyalorixá Nice D’Xangô e 10% dos participantes da Festa de São Jorge de Jaguarão do ano de 2018.

Para desenvolver um trabalho etnográfico numa casa de povos de matriz africana requer pedir “*agô*”, ou seja, pedir licença para adentrar e flexibilidade. Torna-se indispensável compreender que as práticas e sensações desenvolvidas no espaço do terreiro e de sua cultura, os quais desenvolvem percepções que advém da oralidade, portanto, a vivência e experiência é o diálogo maior, é o método de investigação e produção de conhecimento ancestral, que se distancia do rigor antropológico científico que requer descrição da cultura captada através da “neutralidade” do sujeito-pesquisador.

Conceição Evaristo em seu livro “Becos da Memória” (2018) define que a *escrevivência* é o método onde a escrita evoca todas as relações em comunidade

“[...] na base no fundamento das narrativas de Becos está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever Becos foi perseguir uma *escrevivência*. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz a fala de quem conta, para se misturar à minha” (EVARISTO, 2018, p. 147).

Com isto, a etnografia aqui proposta se desenvolve da experiência vivida em coletivo, na comunidade-terreiro do Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô. Esta pesquisa desenvolveu-se utilizando como base o método qualitativo cunhado por Isabel Guerra (2006), designada numa diversidade de técnicas interpretativas e descritivas que formam fenômenos sociais construídos de maneira orgânica.

Buscou-se referências elencadas às problematizações: “*O que é ser uma intelectual negra de terreiro?*” e “*Qual a importância da adesão de políticas públicas na promoção de festejos negro-religiosos para a cultura e identidade da população de Jaguarão?*” Desta forma, os escritos de diário de campo, entrevistas, documentos de acervo do Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô e a análise de recorte temporal desde a primeira

feitura de santo da Yalorixá e os reflexos mediante ao seu apoderamento⁵ relacionado à identidade negra e a prática da religiosidade de tradição de matriz africana, buscando elencar a interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019) na pesquisa e afirmar sua trajetória como intelectual e produtora cultural na luta contra o racismo religioso e as problemáticas permanentes do racismo estrutural, foram os caminhos percorridos.

Nesse sentido, a metodologia de revisão bibliográfica e pesquisa-ação foi necessária, onde a voz da comunidade-terreiro e da Iyalorixá compõem sua trajetória e elucida seu protagonismo. A historiadora Fernanda Oliveira da Silva afirma a necessidade de novas formas interpretativas “[...] evidenciamos a necessidade e possibilidade de oferecermos outras análises ao buscarmos os agentes do processo histórico e as fontes produzidas por eles e não apenas sobre eles” (SILVA, 2011, p. 201).

O desenvolvimento deste trabalho perpassa por outra compreensão temporal. Para desenvolver esta pesquisa, o Tempo se apresentou como desenvolvimento em dupla jornada de entendimento, ao mesmo que aprendia sobre a religiosidade como yawô, ali também se desenvolvia a iniciação acadêmica concomitantemente. Numa jornada que levou dois anos para a finalização, como problematiza Janine Nina Fola Cunha (2020) sobre a perspectiva dos “tempos”:

“[...] um dilema de propostas epistêmicas, em que a pesquisa é demandada pelo tempo da academia, o tempo racional, o tempo cartesiano e meu campo, paradoxalmente, organizado por temporalidade de saberes orgânicos (SANTOS, 2015), vindos do Terreiro, vindo das divindades. Estes diferentes tempos entraram em severo conflito.” (CUNHA, 2020, p. 28).

Na quarta-feira no dia 23 de setembro de 2020, às vésperas da Festa de Xangô no Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô, foi feita a entrevista com a Iyá Nice. Estavam ali presentes, o “vô” Sidnei Almeida e a yawô Shirlei D’Oxum. Foi elaborado um roteiro de perguntas sobre a trajetória e construção da Festa de São Jorge em Jaguarão. A entrevista durou 3 horas, estávamos equipadas fazendo a gravação desta entrevista de forma familiar, já era noite, antes já havíamos trabalhado bastante na organização do espaço do terreiro para o preparo da Festa de Xangô, delimitou-se pausas para o preparo do jantar, onde

⁵ Segundo Escobar (2017, p. 35), partindo das discussões com as integrantes do Grupo Atinuké, concluiu-se de que a palavra mais apropriada a ser usada é “apoderamento”, pois “empoderar” significa também conceder o poder a alguém (<https://www.significados.com.br/empoderar/>) Portanto, nós, mulheres negras, não precisamos ser empoderadas, pois o poder está dentro de cada uma de nós, caso contrário, não teríamos sobrevivido a quase quatro séculos de escravidão e exploração.

alimentamos primeiro o nosso mais velho o Sr. Sidnei, seguindo para jantarmos todas juntas, dando risadas das lembranças e compartilhando de histórias e sempre respeitando a posição de nossa Iyalorixá.

A relação pesquisadora e yawô considera a hierarquia na qual a religiosidade se organiza. Iyá é quem conduz e lidera o conhecimento do axé, já os yawôs são aqueles que estão sendo liderados e conduzidos pelas mãos da Iyalorixá. A intelectual e egbomi Nina Fola (2020) descreve em sua dissertação⁶ sobre a relação metodológica utilizada em sua pesquisa na entrevista com Iyalorixás e no trato que a hierarquia própria desta relação, afirma “sendo assim, assumo meu lugar de aprendiz no compartilhamento do saber, colocando-me mais como uma escrevinte (OLIVEIRA, 2009) do que condutora daquilo que me é passado.” (CUNHA, 2020, p. 31).

Figura I - yawô Êmily D’Oxumarê, Iyalorixá Nice D’Xangô, e yawô Shirlei D’Oxum, no dia da entrevista, 23 de setembro de 2020.



FONTE: Acervo do Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô

Após o momento da entrevista, foi feita a transcrição da mesma, onde as sistematizações das análises foram subsidiadas em planilhas, conforme apresentado por

⁶ Dissertação de Janine Nina Fola Cunha, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/211437/001115276.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Isabel Guerra (1996) em seu livro intitulado “Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso”. Trata-se de uma sistematização de informações para criação de categorias de análise. Num primeiro momento, inseriu-se a transcrição em três etapas de análise da entrevista: 1. Elaboração das temáticas abordadas na entrevista. 2. Sinopse. 3. Análise da entrevista partindo das categorias de análise definidas.

Fazer esta entrevista em parceria com a yawô Shirlei D’Oxum, mulher negra e quilombola, mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Ufpel e que ascendeu academicamente, sem deixar de lado suas raízes, foi de fundamental importância, afinal como diz o ditado popular “não mexe comigo, pois eu não ando só” e como diz Angela Davis (2017) “Quando uma mulher negra se movimenta, ela movimenta toda a estrutura da sociedade”.

4. MÃE NICE D’XANGÔ E O ILÊ AXÉ MÃE NICE D’XANGÔ: INTELLECTUALIDADE E PRODUÇÃO CULTURAL NEGRA NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI

Apresenta-se neste capítulo a trajetória de vida e a cultura de uma mulher negra, sua família e sua relação com a estrutura social ao qual o sistema brasileiro tem relegado à população negra. A Iyalorixá Nice D’Xangô ao recordar de sua infância, expõe a realidade da trajetória de muitas crianças e mulheres negras brasileiras, onde as relações sociais trazem “[...] a perspectiva de tripla discriminação as colocando no mais baixo nível de opressão”, assim, Lélia Gonzalez (2018, p. 44) nos direciona à dimensão violenta ao qual às mulheres negras estão inseridas na estrutura social, discriminadas pela raça, classe social e gênero desde à infância.

Segundo dados da Unicef (2020) 64,78% das crianças e adolescentes empurradas para o trabalho pela pobreza, são negras, onde as meninas negras representam entre 87% e 93% das crianças e dos adolescentes envolvidos em trabalho doméstico no país. Uma criança trabalhando desde aos nove anos para auxiliar os pais na manutenção e sustentação da casa, condicionada à múltiplas jornadas de trabalho, seja trabalhando como doméstica e lavadeira para garantir à mesa o alimento ou na criação dos irmãos mais novos, demonstra como o racismo estrutural destitui a população negra e em específico, às mulheres negras apontando uma ascensão social e econômica processada à passos mais lentos na sociedade, junto a exploração dos corpos negros e a falta de perspectiva para novas alternativas, perpetuando a naturalização da violência, oriunda do período escravista.

Eunice Magale dos Santos Almeida nasceu no dia 6 de abril de 1966, em Jaguarão. Filha mais velha, dos três filhos de Conceição Neiva dos Santos, a “Dona Bequinha”, sua mãe, mulher negra, lavadeira e secretária do lar nascida e criada no espaço urbano da cidade. Seu pai, Sidnei Almeida, homem negro, trabalhava na quebra de pedras no Cerro da Pólvora, nascido e criado no Quilombo Madeira, o “Cerrito”, localizado no espaço rural de Jaguarão.

FIGURA II - Dona Beca, Iyalorixá Nice D’Xangô e Sidnei Almeida e Isabela Batalla Tavares, na casa dos pais, rua Dr. João Azevedo, 117, Cerro da Pólvora, Jaguarão, RS, 2015.



FONTE: Acervo pessoal da Iyalorixá Nice D’Xangô, 29 de julho de 2015

O trabalho foi uma realidade desde a infância. Aos seis anos, a menina Eunice já fazia o feijão e aos nove, já estava trabalhando junto com sua mãe, Dona Beca, prestando serviços domésticos na casa dos patrões da cidade. Torna-se necessário definir que, numa segunda conversa com a Iyalorixá, sobre o pertencimento racial da família ao qual sua mãe e ela trabalhavam na época de sua infância, que no imaginário desta autora, era uma família branca, portanto, os “patrões” brancos, surpreenderam-se pelo fato de que era uma família negra. Esse fato desencadeou a reflexão sobre as contradições da comunidade

negra, onde dentro de uma sistemática embranquecida, muitas vezes reproduz o pensamento colonizador em sua cultura.

Por ser a filha mais velha, o sentido da responsabilidade com a casa e com o cuidado à irmã e ao irmão mais novo lhe conferia uma sobrecarga nos serviços domésticos, tendo que trabalhar em casa, trabalhar na casa dos patrões e ainda, auxiliar a mãe no seu segundo serviço, “o bico” pra ter mais uma renda, como lavadeira:

“[...] a gente trabalhava tanto que a gente não quer lembrar mais. Ajudávamos a minha mãe com a roupa né? ia buscar as trouxas de roupas, ajudava ela a estender no arame [...] então é sempre no movimento, trabalhando e depois, cuidado dos meus irmãos, cuidava do meu irmão menor também, era eu quem ajudava a cuidar, ficava cuidando dele. Como eu era a filha mais velha, naquela época os filhos mais velhos tinham essa carga. [...]” (D’XANGÔ, 2020. Entrevista concedida para Êmily de Araújo Edwards, em 23 de setembro 2020).

Através do pensamento de Gonzalez (2018) muito se relaciona à infância da Iyá Nice, onde o trabalho vem da necessidade de permanecer em sociedade:

“[...] É tudo isto, acrescido pelo problema da dupla jornada que ela, mais que ninguém tem que enfrentar. Antes de ir ao trabalho, tem que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimentação para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas, de um modo geral, encarregam-se da casa e do cuidado dos irmãos mais novos. Após “adiantar” os serviços caseiros, dirige-se à casa da patroa, onde permanece durante todo o dia.” (GONZALEZ, 2018, p. 45).

Mesmo tendo que exercer essas funções de trabalho e cuidado com irmãos, o seu fortalecimento inicia pela prática da religiosidade negra, no terreiro do Cacique Edi Machado D’Ogum, no Centro Espírita de Umbanda Reino de Oxóssi onde se praticava a Umbanda, linha de Quimbanda e também do culto aos orixás, pela Nação Jêje-Ijexá.

Seu primeiro amaci - rito de iniciação na Umbanda, foi aos 9 anos e com 12 anos o seu bori - rito de iniciação nas casas de tradição africana, bem como no candomblé. Bori significa “festejo à cabeça” (THEODORO, 1996, p. 74) e a filósofa nos ensina que nesta obrigação ritual - bori - há grande simbolismo à cabeça, sendo o momento em que se dá comida à cabeça, onde a cabeça encontra-se na nascente e os pés no poente. Os pés em contato com a terra fazendo conexão com nossos ancestrais e a cabeça recebendo a energia dos orixás, sendo assim, o rito onde corpo, compreendido em sua totalidade, renasce sob a perspectiva do axé.

Figura III - Foto de Pai Edi Machado D’Ogum, o Edi Polo Ledesma Machado e sua esposa, Maria Elena Marques Machado.



FONTE: Acervo pessoal de Sérgio Machado

O terreiro era o espaço de liberdade e segurança que a menina Eunice teve na infância, num contexto de muito trabalho era o momento em que ela descansava e se esquecia da rotina do dia-dia.

“[...] chegava a hora de ir pro terreiro eu me sentia tranquila, acolhida e muito protegida, eu sentia que ali, que quando eu tava ali dentro, eu me esquecia de todos aqueles problemas e preocupações do meu cotidiano [...]”. (D’XANGÔ, 2020. Entrevista concedida para Êmily de Araújo Edwards, em 23 de setembro 2020)

Estar e ser de terreiro é adentrar as identidades nas mais profundas ramificações. É o meio ancestral que restabelece vínculos com a natureza e oportuniza o sentido de pertencimento ao qual a cultura negra é marginalizada “da porteira pra fora”. Helena Theodoro (1996, p. 65) pensando o contexto racial e social do terreiro, explica que “As comunidades-terreiros (egbé) funcionam como limites que distinguem a tradição cultural negra da tradição cultural branca”. Desta forma, o espaço do terreiro é o espaço-poder para a resistência e manutenção do pensamento e das identidades da população negra brasileira.

Dona Beca D’Oxum, adepta dos cultos no terreiro confere a Iyá Nice memórias de quando era menina e acompanhava a mãe para acender velas e fazer pedidos,

agradecimentos, aos “pés do Cristo” e na pedreira. A pedreira no Cerro da Pólvora, é lugar de muita familiaridade, localizada na rua Dr. João Azevedo, 1137, bem próximo da Enfermaria Militar e onde por muitos anos trabalhou o pai, Sidnei Almeida, um filho de Xangô.

Pensar o tempo e espaço através da orixalidade implica reconhecer-se nos territórios e apoderar-se dos lugares de pertencimento, conforme Mãe Nice [...]” *eu me identifiquei com o próprio lugar onde nasci, eu sou filha de Xangô, meu pai filho de Xangô, quando eu olho em volta, começo a prestar atenção: nasci nesse lugar, onde tem essa montanha, esse cerro*”. (D’XANGÔ, 2020. Entrevista concedida para Êmily de Araújo Edwards, em 23 de setembro 2020).

Figura IV - Iyabassé Jéssy D’Yemanjá na Pedreira do Cerro da Pólvora de Jaguarão, RS.



FONTE: Acervo pessoal da autora, 2020.

Aos dezesseis anos de idade, o Cacique Edi Machado D’Ogum, anunciou que a jovem Nice D’Xangô já estava pronta para iniciar seus atendimentos. Enquanto Cacica de Umbanda e Quimbanda foi informada neste momento que sua trajetória religiosa se estenderia a missão de Iyalorixá. O primeiro atendimento foi em 26 de setembro 1987.

No período suprarreferido, finalizou o ensino médio, e trocou de emprego no qual trabalhava como secretária do lar, desde os nove anos. Através da escola, iniciou os estudos em contabilidade, sendo indicada para trabalhar num escritório nas Lojas Pernambucanas, onde não pode dar continuidade aos estudos, devido a demanda de serviços na religiosidade.

Mãe Nice, como se tornou conhecida desde nova, também foi proprietária de uma banca de camelô nos arredores à beira do Rio Jaguarão, no Centro de Comércio Informal de Jaguarão, onde vendia roupas. Já nos anos 90, iniciou a venda de viandas e doces na

cidade, o que lhe rendeu maiores possibilidades, conseguindo adquirir o espaço que hoje é sua casa e o Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô, na Claudino Echevengúá 312. Nesse período se tornou mãe de Leandro Mateus Tavares Almeida, em 1991 e, em 1993, de Jéssica Tavares Almeida.

Retomando a narrativa de sua trajetória religiosa, foi em 1985 que seu primeiro pai de santo, Edi Machado D’Ogum faleceu e este foi o fator determinante do tempo de pausa das práticas religiosas, como relatou em entrevista, a Iyá não se sentiu “pronta emocionalmente para dar continuidade na época”. Foi quando recebeu em sua casa, após chegar de seu trabalho da banquinha de camelô, uma mãe e um bebê que precisavam de atendimento, o bebê estava doente e havia vindo desde Rio Grande para se consultar com ela. Nesse momento, sentiu que era o momento de retomar à missão religiosa, sendo assim o marco de seu retorno em 1987.

O Cacique Edi Machado D’Ogum era conhecido pelas festas negro-religiosas que realizava na cidade, sendo aquele que idealizou junto a outras Cacicis/Caciques e Mães/Pais de Santo da época, a Procissão de São Jorge de Jaguarão. A Iyalorixá Nice D’Xangô já participava de festejos religiosos desde que era abia⁷. Em 1996, Mãe Nice se torna filha do Babalorixá Nilo D’Xangô, se tornando Yalorixá dentro do culto do candomblé.

Figura V - Babalorixá Nilo D’Xangô, Rio Grande - RS



FONTE: “Família Angola⁸”, 2016

⁷ Pessoa que frequenta o terreiro, sem ser iniciado.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/familiaangolaa/photos/734964756605489>

Neste sentido, a identidade negra junto à religiosidade se dispõe na trajetória de Mãe Nice, a fé na religião é o grande apoio da mulher negra, é o seu axé. Num contexto de subalternizações e invisibilizações, é dentro do terreiro que a construção do sentido de comunidade negra se desenvolve. Helena Theodoro (1996, p. 61) afirma que “a atuação na comunidade se completa com sua força espiritual, trabalhada nas comunidades-terreiros que se apoiam na concepção da tradição nagô sobre o universo e as pessoas.” Entretanto, cabe situar que o que abordamos aqui, não é a existência de uma cultura negra universalizante, e sim, que dentro da multiplicidade de ser e estar foi a religiosidade-negra um caminho para resistência da cultura e onde a identidade negra se desenvolveu e se estruturou.

As festividades “na rua” que a Mãe Nice desenvolve se deve ao culto à ancestralidade dentro das famílias religiosas em que ela se construiu, se relaciona à tradição das casas do cacique Edi Machado, onde foi lhe foi deixado o legado da Festa de São Jorge e na sua passagem para Babalorixá Nilo D’Xangô, o aprendizado na organização e articulação para a realização de maior festa negro-religiosa que existe no Rio Grande do Sul, a Festa de Yemanjá em Rio Grande, na praia do Cassino.

Segundo a historiadora Shirlei Pereira Rosa (2017, p. 60) a ancestralidade é “[...] parte basilar da cosmovisão, do modo de ver o mundo, em que sua base é pautada nas memórias de negros e negras que definiram seus fazeres e saberes para se estabelecerem em seus territórios”.

Portanto, compreendemos que a atuação política dos povos de terreiro firmadas pelo culto à ancestralidade nos dá a dimensão da resistência e da produção cultural enquanto formas de emancipação e apoderamento da identidade negra.

Com a lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas públicas nos ensinos fundamental e médio, junto das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares e estabelece também o dia 20 de novembro como dia da consciência negra, se criou em 2004 o projeto educativo “A cor da Cultura”, criado para a valorização da cultura negra no Brasil, proposta pela parceria entre a Fundação Palmares, o Cidan - Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, o MEC, a TV Globo, Canal Futura e Petrobrás. Foi neste contexto que a Iyalorixá participou do curso de formação realizado em Pelotas, destinado à agentes culturais e professores para o fortalecimento da Lei 10.639/03 e esta atividade a instrumentalizou e

respaldou para organizar e ministrar sua primeira oficina de turbantes, no ano de 2014 no Clube Social e Ponto de Cultura 24 de Agosto, uma oficina de turbantes.

Figura VI - Oficina de turbantes do dia da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha em 2014, no Clube Social e Ponto de Cultura 24 de Agosto, 2014



FONTE: Acervo do Ilê Axé Nice D’Xangô, 2014.

Com a força desta Lei, foi possível que o reconhecimento de sua trajetória estivesse no campo da visibilidade e legitimidade, onde no ano de 2017, firmou-se o convênio entre o Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô como espaço de atividade de estágio acadêmico, por cinco anos, com a Universidade Federal do Pampa, no curso de História, com a perspectiva de ser renovado a qualquer momento. Cabe ressaltar que este vínculo foi possível através da ação da professora e intelectual negra, Giane Vargas Escobar, que ingressou no mesmo ano na Unipampa e que através do agenciamento articulou para que esse compromisso fosse firmado entre as duas instituições.

Figura VII - Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô, 2020



FONTE: Yusseff Abrahim, setembro, 2020

Figura VIII - Iyalorixá Nice D’Xangô e a Doutora Giane Vargas Formalização do convênio do Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô com a Unipampa - Curso de História Licenciatura - Campus Jaguarão



FONTE: Acervo do Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô, 2017

A Iyalorixá começou seu desempenho político público em 2009, onde foi realizada a I Semana da Consciência Negra de Jaguarão fomentada pelo poder público. Segundo o historiador Nelson Côrrea neste mesmo ano, “a prefeitura abriu a Casa de Cultura pela

primeira vez à exposições relacionadas às culturas dos afrodescendentes” (CORREA, 2017, p. 48). Cabe ressaltar que a atuação política da Mãe Nice, advém da representatividade negra que naquele mesmo ano a Câmara de Vereadores apresentava, estando eleito o vereador negro “Rodrighinho”, Rodrigo Machado da Costa, o qual a convidou para expor nesse evento de abertura da Casa de Cultura Municipal. Após esse momento as atividades propostas foram se intensificando e o protagonismo da Iyalorixá Nice D’Xangô avançando, a mesma já estava produzindo diversas festas religiosas nesse período e se apropriando das discussões sobre os espaços negros e apoderamento da mulher negra na cidade. Nestes debates ela ia informando e abrindo caminhos para que o movimento negro da cidade fosse visibilizado, lutando por direitos e reconhecimento da identidade negra do município.

A Iyalorixá Nice D’Xangô juntamente com o vereador Rodrigo Machado da Costa, no ano de 2014, instauraram no município o dia da Religião da Umbanda, comemorada no dia 15 de novembro. No ano de 2015, Mãe Nice passou a compor o Conselho Municipal de Política Cultural como representante da Setorial da Cultura Afro-brasileira, sendo reeleita no ano de 2019 e permanecendo neste, até o momento.

FIGURA IX - Apresentação dos Conselheiros de Política Cultural do município de Jaguarão, 2019.



FONTE: Acervo do Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô

Ser uma intelectual negra e tornar-se uma mulher negra é lutar pelo reconhecimento

e assumir seu lugar de fala, é gingar na roda em movimento. A Iyalorixá Nice D’Xangô é a cabeça e o corpo que se coloca como chave para abrir caminhos nas encruzilhadas das trajetórias (ESCOBAR; EDWARDS; ROSA, 2020).

Afirmamos que a Iyalorixá Nice D’Xangô, é a grande intelectual negra que temos em Jaguarão, a cultura à cabeça, o *Ori*, é no terreiro é que se renasce para novas epistemologias, compreendemos que esse renascimento do pensamento é regado e cuidado pela Iyalorixá, que por sua vez, tem como ferramenta o culto à ancestralidade como trabalho intelectual. Para Bell Hooks (1995, p. 466) o trabalho intelectual “(...) é uma parte necessária da luta pela libertação fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito que descolonizariam e libertariam suas mentes”.

Figura X - Iyalorixá Nice D’Xangô no Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô, junto de aluno da escola EMEF General Antônio de Sampaio na conclusão do Estágio Supervisionado III no curso de História - UNIPAMPA, 08 de dezembro 2017.



FONTE: Acervo do Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô, 2017

As atividades e produções que a Iyalorixá Nice D’Xangô realiza movimenta toda a estrutura social do município, produz conhecimento e reestrutura o imaginário social sobre o que é ser uma mulher negra de terreiro. Estar em movimento, lutando pelo reconhecimento da cultura negra é um compromisso que toda mulher e intelectual negra se

compromete. Seu conhecimento e direcionamento propõem novos olhares para aqueles que acompanham sua trajetória.

Como forma de reconhecimento de sua trajetória e articulações, por gerar conhecimento e ser protagonista de sua própria história é que propomos a criação da Biblioteca Iyalorixá Nice D’Xangô no espaço da Unipampa, no município de Jaguarão. Esta proposta será levada ao conhecimento do NEABI Mocinha, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Unipampa Campus Jaguarão para que seus membros e sua coordenação possam deliberar sobre a mesma, sendo uma ação que vem para ampliar o conhecimento sobre intelectuais negras, o pensamento de mulheres negras como a Iyalorixá Nice D’Xangô e inúmeras outras mulheres negras da sociedade jaguarense e do país.

4.1 “Ajunta folha com folha Tatamirô, ajunta galho com galho Tatamirô, eu sou filho dessa aldeia Tatamirô, essa aldeia me protege Tatamirô”: A Festa de São Jorge de Jaguarão

A Procissão de São Jorge de Jaguarão durante muito tempo foi realizada através da união do cacique Edi Machado D’Ogum junto a outras lideranças religiosas. Segundo a Iyá Nice D’Xangô era uma procissão onde o trajeto era realizado passando por alguns terreiros e desta forma iam se encontrando os povos dos terreiros para acompanhar a procissão, levando a imagem de São Jorge até o terreiro que iria receber a imagem do santo e isso, significava que aquele terreiro iria realizar a Festa de São Jorge naquele ano. “*Quem recebia a imagem do santo dava a festa*” (D’XANGÔ, 2020. Entrevista concedida para Êmily de Araújo Edwards, 23 de setembro de 2020).

A estratégia utilizada para a permanência da festividade em homenagem ao santo guerreiro se dava desta forma, os Caciques e Cacicás de Umbanda e alguns Pais e Mães de Santo, se organizavam, sorteavam e deliberavam quem receberia a imagem de São Jorge

“[...] o terreiro que estava né, esperando o São Jorge chegar, como tinha os bolos, comes e bebes e tudo, esperando, sendo que a gente ia chegar com o São Jorge, ah era uma festança! A coisa mais linda!! Então a Festa de São Jorge eu conheci aí” (D’XANGÔ, 2020. Entrevista concedida para Êmily de Araújo Edwards, em 23 de setembro).

FIGURA XI - Fachada do antigo terreiro do Sr. Edi Machado D’Ogum, no Bairro Carvalho, 2016, em Jaguarão.



FONTE: Nelson Luís Corrêa, 2016, p. 48.

Com o falecimento do Cacique Edi Machado D’Ogum, houve um afastamento da Mãe Nice da Umbanda, como já foi mencionado anteriormente e então pouco se envolveu com as festividades negro religiosas. Dado o tempo, já em 1996 ao ser iniciada no candomblé pelo Babalorixá Nilo D’Xangô há um despertar para a necessidade das festividades nas ruas.

Pai Nilo D’Xangô (in memoriam) era o zelador do “Reino de Iemanjá Candomblé de Xangô e Oxum” e presidente da associação *URUMI - União Riograndina de Cultos Umbandistas e Afro-brasileiros Mãe Iemanjá*, fundada em 1966, a qual é até hoje a responsável pela organização da Festa de Yemanjá do Cassino, no município de Rio Grande. A Festa de Yemanjá está em sua 45^a edição e, no ano de 2020, teve a estimativa 150 mil pessoas⁹ participando em homenagem à Yemanjá, sendo considerada a maior festa negro-religiosa do Rio Grande do Sul. As atividades realizadas pelo Babalorixá Nilo D’Xangô eram diversas e esta militância e representatividade enquanto religioso, foi algo que permaneceu na raiz Angola na qual Mãe Nice D’Xangô está inserida.

Mediante estas influências de terreiro, onde a Iyalorixá Nice D’Xangô por muitos anos acompanhou cacique Edi Machado D’Ogum em Jaguarão e continuou participando também da procissão de São Jorge que o Pai Nilo fazia em Rio Grande, no dia 23 de abril

⁹Jornal “Gaúcho Zero Hora” sobre a Festa de Yemanjá, 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2020/02/festa-de-iemanja-na-praia-do-cassino-deve-atrair-mais-de-150-mil-fieis-ck63w5gsh0de701mvrhdbc34q.html>

“[...] ele fazia a procissão de São Jorge, no dia 23 de abril, só que a gente tocava pra Ogum! Eu não tinha conhecimento que alguém tava andando com São Jorge, nesta data, não se ouvia, mesmo, não sabia não.” (D’XANGÔ, 2020. Entrevista concedida para Êmily de Araújo Edwards, em 23 de setembro 2020).

No ano de 2011, mediante a atuação política que a Iyalorixá possui e a atuação junto com o vereador na época, Rodrigo Machado da Costa, o “Rodrighinho” como é conhecido popularmente, foi que a Iyalorixá passou a protagonizar na Festa de São Jorge junto ao Centro Afro-Umbandista Pai Xangô e Exu Tiriri do Pai Paulinho D’Xangô. Segundo a Iyá, o vereador que é um homem negro, não praticante da religiosidade, conhecia sua trajetória com os festejos e convidou para retomar essa procissão de São Jorge na cidade de Jaguarão.

Articulou-se com os terreiros mais antigos, da forma que o Cacique Edi Machado D’Ogum fazia, entretanto, pela identidade “africanista” da Iyalorixá Nice D’Xangô muitos umbandistas se afastaram. “[...] A gente entendeu que não podia parar e a gente seguiu e abraçou a festa [...] ela tem um pouco do que eu lembrava com o pai Edi e também do que eu trouxe da forma que o Pai Nilo fazia, porque eu já participava do momento da construção dessa festa na casa do Pai Nilo” (D’XANGÔ, 2020. Entrevista concedida para Êmily de Araújo Edwards, em 23 de setembro 2020)

Figura XII - Festa de São Jorge de Jaguarão, 24 de abril de 2011.



FONTE: Fotografia de Jorge Passos¹⁰, Jaguarão, 2011

¹⁰ Álbum de fotografia de Jorge Passos. Disponível em:
<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.1827907390438&type=3>

Figura XIII - Rodriguinho Machado da Costa, Iyalorixá Nice D’Xangô, yawô Aline D’Oxum, yawô Susy D’Oxum, Festa de São Jorge Jaguarão, 2012.



FONTE: Fotografia de Fernanda Cassel, 2012¹¹

A festa de São Jorge passou a ter outro trajeto desde então, iniciando o encontro dos devotos na Praça do Regente, onde desde às 9h da manhã expõe a imagem de São Jorge à disposição dos fiéis. Às 19h inicia-se no mesmo local, a Procissão à São Jorge, onde fazendo às frentes do cortejo somaram-se o grupo de Capoeira Ararirê Oxóssi e o grupo cultural Abi Axé com o toque dos atabaques em uma das avenidas principais da cidade, a 27 de Janeiro, seguindo até o Centro de Comércio Informal à beira do Rio Jaguarão, onde os trabalhos espirituais são feitos junto aos devotos e respectivas entidades responsáveis. Os umbandistas organizam-se em uma grande roda para que as entidades “*caboclos*” da Umbanda sob o chamado dos atabaques e do coro dos fiéis, façam-se presentes para a limpeza espiritual, natural do culto religioso. Ao passo que as limpezas são feitas é servido ao público, como de costume nas edições anteriores, a feijoada, onde o feijão para o preparo, é arrecadado através de doações dos devotos durante o meses de março e abril, a feijoada é servida por ser o alimento referente ao santo São Jorge junto com o bolo que simboliza o *axé* das crianças e da orixá *Oxum*, divindade referente às águas doces. Esses alimentos são preparados e servidos pelos

¹¹ Fotografia de Fernanda Cassel. Disponível em : <https://www.facebook.com/photo/?fbid=442530249096079&set=a.442529932429444>

filhos e filhas de santo do Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô e do Centro-Afro Umbandista Pai Xangô e Exu Tiriri por um dos princípios da Umbanda ser a caridade e por isso, a importância da arrecadação do feijão e dos bolos em homenagem ao santo São Jorge, bem como seu preparo pelas casas de religião envolvidas.

A Festa de São Jorge justifica-se pela importância do impulsionamento da cultura umbandista e a necessidade do desenvolvimento na construção do imaginário social relacionado à cultura negro-religiosa na cidade de Jaguarão.

São Jorge é um dos santos mais venerados no mundo e na Umbanda, sua representação está associada ao guerreiro que montado em seu cavalo, empunha sua lança contra um dragão, e que através dessa manifestação de força e estratégia em batalhas, mostra-se sempre pronto a defender os aflitos. A popularidade de São Jorge dá-se pelo grande número de devotos que professam sua fé e que no dia 23 de abril - data comemorada nacionalmente - os fiéis buscam agradecer as graças alcançadas e as demandas vencidas através da fé na força do Santo Guerreiro.

Na cidade de Jaguarão, o festejo tem sido promovido pelo Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô e Centro-Afro Umbandista Pai Xangô e Exu Tiriri e em sua 7ª edição, a festa entrou no Calendário de Eventos do Estado do Rio Grande do Sul e obteve a presença de aproximadamente 300 pessoas prestigiando o evento, sendo estes, tantos brasileiros quanto uruguaios, devido à localidade da cidade fronteiriça de Jaguarão.

No ano de 2018, a Festa de São Jorge teve o número de adeptos da festividade ampliado, tendo em vista os diversos espaços trilhados pelo Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô com suas atividades formativas e agenciamentos cunhados pela Iyalorixá Nice D’Xangô “Como uma boa filha de Xangô, né!? Xangô é um orixá que conquistou vários reinos, talvez tenha isso de agregar pessoas de vários lugares, né? (D’XANGÔ, 2020. Entrevista concedida para Êmily de Araújo Edwards, em 23 de setembro de 2020).

Neste mesmo ano de 2018 foi discutido na Câmara de Vereadores do município o calendário de eventos da cidade, onde o Ilê Axé, esteve presente, junto ao Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígenas, NEABI Mocinha da Universidade Federal do Pampa, afim de garantir que os eventos negros religiosos e produções relacionadas à cultura negra na cidade estivessem dentro da agenda municipal. Nessa tratativa, foi assegurado a Festa de Yemanjá, Festa de São Jorge, Dia da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha e Semana da Consciência Negra na agenda municipal.

Figura XIV - Festa de São Jorge 2018, Centro de Comércio Informal, 2018



FONTE: Fotografia de Niel Nie, 2018

No segundo momento, foi elaborado o projeto do festejo, com endereçamento à Secretaria de Cultura e Turismo de Jaguarão, no valor de 3 mil reais para o fomento da festa, sendo negado recursos à mesma. Como já mencionado, no mesmo ano o fomento para a Festa Farroupilha contou com o repasse de 56 mil reais para sua realização.

Da mesma forma, a 7ª Festa de São Jorge foi realizada com a força e apoio de diversas entidades, conforme as logomarcas do cartaz, oriundas das diferentes movimentações políticas pensadas e organizadas pelo Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô.

Figura XV - Mapa de percurso da 7ª Festa de São Jorge de 2018.



FONTE: Acervo do Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô

Neste ano, ainda, elaborou-se e foi aplicado um questionário para 10% dos participantes no dia da Procissão de São Jorge, pela autora desse trabalho junto com Anderson Claudino Rodrigues, para a avaliação na disciplina de Informações e Indicadores Culturais ministrado pela professora branca Sabina Sebasti. Na elaboração, não inserimos a categoria raça no questionário, o que posteriormente, com a orientação da professora negra Giane Vargas, passei a perceber a falha da pesquisa. Pois ao falarmos de homens e de mulheres, precisamos saber a cor/raça e outras categorias que fazem a diferença na análise dos dados. Mesmo assim, e ciente deste equívoco, com esta amostragem, foi possível afirmar que a maioria de participantes são mulheres, de 20 a 40 anos, sendo que 47% dessas mulheres participantes eram estudantes e 57% com pouca ou nenhuma formação escolar. Já os homens participantes 74% eram estudantes universitários e 26% com baixa ou nenhuma formação escolar.

É válido salientar que o evento desde sua primeira edição, segue pacífica e sem conflitos entre os participantes considerando seu numeroso fluxo de pessoas desde o início onde, uma imagem do padroeiro fica disposta logo pela manhã na Praça do Regente aos devotos para finalidades religiosas, agradecimentos e afins e, em seguida, ao anoitecer na concentração de pessoas para o início da procissão, com taxa zero de incidência nos acidentes entre os organizadores e o público no total envolvido na festa. Certamente as coisas fluem nesta positividade pois afinal São Jorge “*é o pai Ogum, o guerreiro que derrota o mal*” numa citação de fé na resposta de um dos entrevistados sobre quem este seria para ela. Numa outra citação, de resposta surpreendentemente vinda de uma criança com idade de apenas 11 anos ao responder a pesquisa: Qual a relevância da celebração deste dia pra você? Ela disse: “*é importante pela cultura da fé*”. Fica marcado uma reflexão do quão importante esta manifestação popular tem expressividade considerável para o município de Jaguarão.” (EDWARDS; RODRIGUES, 2018, p. 6).

Já no ano de 2019, elaborou-se novamente um novo projeto para fomento do município para a realização da festa religiosa, sendo negada novamente. Segundo dados da organização da festa, neste ano houveram aproximadamente 400 participantes. Foi realizada a festa com a união de diversas entidades negro religiosas junto ao Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô, Centro-Afro Umbandista Pai Xangô e Exu Tiriri e a Casa da Mameto de Inkice Vanda D’Oxalá na companhia e apoio de várias entidades como o Grupo Cultural Abi Axé, Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) Mocinha, Capoeira Ararirê Oxóssi, Coletivo Abayomis, Casa de Economia Solidária, Casa de Artigos Religiosos Ogum da Lua e Clube 24 de Agosto. Contou com a presença de fiéis vindos

de outras localidades, bem como de Arroio Grande, Pelotas, Porto Alegre e como a cidade de Jaguarão está localizada em fronteira, teve a participação de fiéis uruguaios de Rio Branco/UY, Melo/UY, Trinta e Três/UY, Maldonado/UY e Montevideo/UY.

Em sua 8ª edição em 2019, pretendeu-se impulsionar o evento com estratégias de comunicação e publicidade cunhada pela necessidade de afirmar Jaguarão enquanto potência de desenvolvimento cultural afro-religioso na região sul do Rio Grande do Sul.

Figura XVI - Divulgação da Festa de São Jorge de Jaguarão, 2019



FONTE: Acervo do Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô

Mediante a estruturação e desenvolvimento que a festa está legitimada foi elaborado e executado no ano de 2020 o projeto “Salve Jorge” criado para trabalhar a cultura negro-religiosa na comunidade, com as escolas municipais. A Iyalorixá Mãe Nice D’Xangô e seu Ilê elaboram um livreto para ser apresentado e trabalhado nas escolas. Um livro de colorir onde é apresentada a história de São Jorge, como o santo guerreiro que vence as demandas impostas na sociedade, visando de maneira paradidática discorrer sobre o racismo religioso e o respeito às diferenças e apresentar a importância da cultura negra na cultura brasileira.

Importante salientar que ainda presenciamos no ano de 2020, educadoras do município de Jaguarão ensinando e teatralizando para as crianças, com seus rostos pintados de tinta preta, perpetuando o famigerado “black face” na eterna reprodução de histórias como a do “Sítio do Pica Pau Amarelo” de autoria de Monteiro Lobato, que há muito tempo vem sendo rechaçado pelos movimentos negros, pois são histórias

impregnadas de falas racistas e estereotipadas, que colocam as mulheres e homens negros em lugares subalternizados e subservientes, como a figura da dócil e obediente “Tia Anastácia”.

Figura XVII - Projeto Salve Jorge na escola Municipal Manoel Pereira Vargas, 2020



FONTE: Acervo Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô, 2020

O projeto foi executado em quatro escolas do município de Jaguarão no mês de maio 2020 para anunciar também o festejo que seria realizado no mês de abril, sendo reestruturado devido à pandemia do COVID - 19 no mundo. Com isso, o grupo cultural Abi Axé junto da Iyalorixá, produziu uma apresentação ao vivo de pontos cantados da Umbanda para que a homenagem ao santo fosse executada.

Nesse ano pandêmico, onde as atividades presenciais foram todas suspensas foi vigorada a lei Nº 14.017, DE 29 DE JULHO DE 2020, que foi feita a fim de financiar projetos culturais para espaços e trabalhadores da cultura no país. Com isso, foi possível submeter e obter aprovação do projeto “OGUNHÊ! São Jorge na Cidade Heróica” dando sequência ao trabalho já executado no projeto *Salve Jorge!* onde a proposta é elaborar um livro para contar a história da festa de São Jorge na cidade de Jaguarão. Podemos afirmar que será apresentada a história ao qual esse capítulo se constrói.

Discutir o fomento e a vontade política do município de Jaguarão relacionado as festividades negro-religiosas é perceber que mesmo a tantos esforços coletivos e os agenciamentos da Iyalorixá, bem como tantas entidades que hoje se aliaram à força do Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô na luta conta a invisibilização da cultura negra e negro religiosa se relaciona aos mecanismos racistas ao qual o sistema brasileiro ainda se alimenta.

Angela Davis (2018) afirma que os produtores culturais precisam pôr em práticas ações anti-racistas, em busca da liberdade. A Iyalorixá Mãe Nice D’Xangô vem desenvolvendo estas ações sociais, mediante suas práticas imbricadas no Ilê Axé Nice D’Xangô, a casa do orixá Rei, que segundo Vanda Machado:

Com seu *oxê*, o machado de duas lâminas, une a comunidade na sua origem ancestral e na história que ora narramos ritualisticamente em forma de dança. [...] nós nos abraçamos e nos acolhemos. O ojú, levado e a dança, convoca a comunidade a unir-se num grande círculo no centro do barracão. É o próprio Xangô que nos abraça, alimentando o fogo do pavio que acende a vida, e a coragem daqueles que têm na pele a cor da noite. (MACHADO, 2017 p.141).

Davis (2017, p.180), salienta que se os profissionais da cultura devem utilizar seus talentos em uma escala sempre crescente para realizar a tarefa de despertar e a sensibilizar as pessoas para a necessidade de uma contestação de massa à ultradireita, as chances de fortalecer e de unir ainda mais o movimento anti-monopolista - articulando a classe dos trabalhadores, os grupos afro americanos, as mulheres e as pacifistas - cresceram imensamente.

Compreendo-me nesse espaço de construção enquanto yawô e produtora cultural que se alia ao pensamento e ORientações da Iyalorixá Nice D’Xangô, acreditando que a produção cultural só pode ser real na vivência e na experiência em comunidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi construído no intuito de “*trazer à roda*” acadêmica a trajetória e o pensamento da Iyalorixá Nice D’Xangô junto a história da Festa de São Jorge, trajetória esta, que nos mostra a dimensão do ser múltiplo que é o tornar-se uma mulher negra, compor diversos movimentos e propostas no sonho da liberdade.

Investigar como a Festa de São Jorge no período de 2018 a 2020 se estruturou se relaciona com os pares do movimento negro da cidade de Jaguarão, tendo em vista que o poder público pouco investe nesse cenário. Com isso, podem-se identificar as ausências e instabilidades do poder público com a comunidade negra na promoção de políticas públicas locais, demonstrando a importância da representatividade negra para se conseguir adentrar as esferas públicas governamentais, a fim de estender a voz da população negra e negro religiosa.

Se faz necessário uma produção cultural, uma política cultural anti-racista, que reconheça o racismo estrutural e que se coloque como escudo da população negra em face às injustiças que o sistema embranquecido impõe às comunidades negras. Ainda temos um espaço onde a produção cultural e as políticas culturais que reproduzem e corroboram com a velha política racista, elitista e hegemônica.

A disparidade na relação entre o poder público de Jaguarão e às produções negro-religiosas se associam à ausência de adesão e vontade política das instâncias governamentais fazendo com que as estruturas sociais sejam fruto da invisibilização do reconhecimento e da força da população negra em instância nacional. É o reflexo da estrutura racista que alimenta o racismo religioso e que por isso, tenta desestabilizar a identidade e o pensamento das mentes e corpos das mulheres negras e as suas ações.

Ser Iyalorixá é iniciar as mentes para uma resignificação do pensamento, é abrir caminhos para novas perspectivas. O Ilê Axé Nice D’Xangô é um espaço de educação, cultura e poder, onde seus saberes e fazeres ancestrais inserem-se nas disputas de narrativas e de recursos financeiros, que são conquistados (quando são), após inúmeros desgastes físicos e psicológicos que também adoecem seus agentes.

Afirmamos que a Iyalorixá Nice D’Xangô é a grande intelectual negra que referenciamos em Jaguarão, por toda a batalha ao qual se propõe a lutar, ao produzir e educar a comunidade para uma sociedade anti-racista, que respeite a religiosidade negra, e assim

dando continuidade a agenda ancestral cunhada pelo movimento negro, onde a conquista maior é a liberdade. Quando a Mãe Nice afirma o espaço de liberdade que o terreiro propõe, é onde a ideologia do axé se estrutura, onde a cultura da fé se põe como a base forte na luta e no sonho da liberdade ao povo negro.

Nesse sentido, é preciso criar caminhos e possibilidades na sociedade, buscando o poder de expressão e firmando a luta, frente ao racismo religioso, recriando uma sociedade possível mediante a diversidade que a compõe, o espaço do terreiro é o que a intelectual Iyalorixá Nice D'Xangô propõe e executa.

Para não concluir, demonstramos aqui a importância de renovar nossas concepções da vida, o despertar das sensações e o comprometimento que jamais se esqueçam daqueles e daquelas que vieram antes de nós, buscando um futuro onde o espelho da justiça amplie a percepção de nós mesmas, para que nos compreendamos enquanto uma sociedade que constrói sonhos e realiza, ainda que em face das injustiças que o passado plantou para que nossa batalha fosse vencida através da força de nossos ancestrais. Axé!

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é Racismo Estrutural**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

CORRÊA, Nelson Luis. **Experiências e sensações: um estudo de caso em um terreiro de candomblé Angola na cidade de Jaguarão**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título em História - Licenciatura. Jaguarão, 2017.

CUNHA, Janine. **Poder e Política sob o ponto de vista das Mulheres de Terreiro no Rio Grande do Sul**. (Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Rio Grande do Sul, 2020).

CUTI, Luiz Augusto. **Quem tem medo da palavra negro**. Revista Matriz. Porto Alegre- RS, 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. 1. edição. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Para encher os olhos: identidades e representações culturais das rainhas e princesas do clube Treze de Maio de Santa Maria no Jornal “A razão (1960-1980)”**. (Tese de Doutorado-Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-graduação em Comunicação, RS, 2017.

ESCOBAR, Giane; EDWARDS, Êmily; ROSA, Shirlei. **“Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô: Representações, Protagonismo e Métodos Afrocentrados de Fronteira**. XI Congresso de Pesquisadores/as Negros/as: Negras escrituras, interseccionalidades e engenhosidades, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem política e econômica**. In GONZALEZ, Lélia. Primavera para pessoas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa...Coletânea Organizada e Editada pela UCPA, Editora Diáspora Africana, 2018

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

MOTA, Emília Guimarães. **Diálogos sobre religiões de matrizes africanas: racismo religioso e história**. In: Revista Calundu - vol. 2, n.1, jan-jun 2018. Disponível em: <https://calundublog.files.wordpress.com/2018/10/texto-02.pdf>. Acesso em: 31 outubro 2019.

MAZAMA Ama. **Afrocentricidade como um novo paradigma**. In “Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora / Elisa Larkin Nascimento (org.). São Paulo : Selo Negro, 2009. (Sankofa, matrizes africanas da cultura brasileira.

MACHADO, Vanda. **Pele da cor da noite**. 2ª edição. Salvador: EDUFBA,2017.

NOGUERA, Renato. **Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para um ética afroperspectiva**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 3, n. 6, p. 147-150, fev. 2012. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/358>. Acesso em: 25 nov. 2020.

PINTO, Valdina. **Educação para a convivência pacífica entre religiões**. In: Pasta de Textos para a Professora da Rede Municipal de Educação de Salvador na gestão da Professora Maria Olívia Santana. Secretaria Municipal de Educação e Cultura - Salvador, 2005.

ROHDE, Bruno Faria. **Umbanda, uma Religião que não nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista**. In: Revista de Estudos da Religião - março 2009. pp. 77-96. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_rohde.pdf Acesso em: 10 de setembro de 2019.

ROSA, Shirlei Pereira. **“Quem tem terra faz a roça/planta arroz milho e feijão/Nesse trabalho do dia a dia/em nossa mesa não falta o pão”:** mulheres quilombolas do Nhunguara na luta contra construção das barragens (1992-1997). 2017. 77 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2017.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943) Dissertação de Mestrado**. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pós-Graduação em História. PUCRS.Porto Alegre, 2011.

SOUZA, Neuza. **“Tornar-se negro: as vicissitudes de identidades do negro brasileiro em ascensão social”**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

THEODORO, Helena. **Mito e Espiritualidade: mulheres negras**. Rio de Janeiro; Pallas, 1996.

WILLIAMS, Raymond. **Representativo (representative)**. In: Palavra-Chave: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução: Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 353-356.

7. APÊNDICES

7.1 APÊNDICE A - Roteiro básico de entrevista

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
BACHARELADO EM PRODUÇÃO E POLÍTICA CULTURAL
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
Orientadora Profa Dra Giane Vargas Escobar
Graduanda Êmily de Araújo Edwards

Entrevistada: _____

Tempo total de duração da entrevista: _____

Local da Entrevista: _____

Data da Entrevista: _____

APRESENTAÇÃO E OBJETIVOS DA ENTREVISTA

Este questionário é parte do trabalho de conclusão de curso em Bacharelado em Produção e Política Cultural realizado no âmbito da Unipampa Jaguarão, os dados coletados são parte do TCC intitulado **“PROTAGONISMO E AGÊNCIA DA IYALORIXÁ NICE D’XANGÔ NA PRODUÇÃO CULTURAL DA FESTA DE SÃO JORGE EM JAGUARÃO”**. Este questionário é destinado à Iyalorixá Nice D’Xangô.

ROTEIRO BÁSICO DE ENTREVISTA

I. ORIGEM FAMILIAR, SÓCIO-ECONÔMICO, PERCURSO ESCOLAR E PROFISSIONAL.

1. Nome:
2. Idade:
3. Qual seu estado civil?
4. Naturalidade:
5. Qual a origem dos seus pais?

FONTE: Acervo pessoal da autora, 2020

6. Eles sempre viveram na cidade?
7. Que função ou emprego seus pais tinham?
8. Tens irmãs e irmãos?
9. Como era a casa que moravas na infância?
10. Conte-nos um pouco das memórias da infância, quais a suas primeiras lembranças, onde elas são?
11. Lembra-se das brincadeiras que tinham?
12. Mas então vocês moravam próximos, seus avós e seus familiares?
13. Onde mora atualmente?
14. Sempre morou no mesmo bairro?
15. Qual relação se tinha com a vizinhança?
16. Como a senhora caracterizaria o bairro Cerro da Pólvora?
17. Escolaridade (experiência escolar?)
18. A senhora lembra se havia na escola, colegas negras?
19. Tem filhos?
20. Qual a escolaridade dos seus filhos?
21. Seus filhos trabalham? Em que?
22. E atualmente, a senhora trabalha?
23. Com quantos anos iniciou seu primeiro emprego? Qual era a ocupação?
24. E antigamente, quais eram os seus locais de trabalho?
25. Como que foi a sua inserção nesse local?
26. Alguém lhe indicou para esse trabalho?
27. E porque essa pessoa lhe indicou?
28. Qual era a função que a senhora exercia?
29. Como era a sua jornada de trabalho?
30. Como era o contrato de trabalho?
31. E a senhora tinha carteira assinada?
32. E atualmente a senhora mantém contato com algum antigo empregador?

II. ESPAÇOS DE ASSOCIATIVISMO NEGRO: CLUBES, CTG's E TERREIROS

1. A senhora frequentava clubes?
2. Frequentar clubes era tradição familiar?
3. Como que foi que a senhora passou a frequentar os clubes?
4. Quais clubes a senhora frequentou?
5. E o 24, a senhora poderia falar algo sobre o clube?
6. A senhora frequentou outros clubes além do 24?
7. Como que a senhora percebeu a mudança nos clubes, com a permissão da entrada de negros e brancos nos clubes?
8. Frequentava CTG ou algo do tipo?
9. A senhora tinha outras atividades de lazer?

FONTE: Acervo pessoal da autora, 2020

III. RELIGIOSIDADE NEGRA: UMBANDA E CANDOMBLÉ

1. Qual a sua religião?
2. Com quantos anos a senhora começou a frequentar?
3. Era próximo da sua casa? No seu bairro?
4. Era de influência familiar a religiosidade negra?
5. Com quantos anos fez o seu primeiro trabalho espiritual?
6. E a iniciação na Umbanda?
7. Quem era seu cacique ou cacica?
8. Como compreendia a umbanda nesse período?
9. Participou de festejos religiosos no terreiro no período infância? Quais?
10. Esses festejos saiam de dentro do terreiro?
11. Qual foi a primeira festa religiosa que a senhora lembra ter participado na rua? Havia muitas pessoas?
12. Como era a sua participação nessas festas?
13. Como lembrava que a cidade recebia essas movimentações dos terreiros na sua adolescência?
14. A maioria das pessoas participantes eram brancas ou negras? brasileiros? uruguaios?
15. Quantos anos a senhora tinha quando se tornou cacica de Umbanda?
16. Quando iniciou seus atendimentos enquanto cacica? Onde?
17. A senhora lembra como foi o seu primeiro atendimento/consulta?
18. Enquanto umbandista houve alguma ruptura na trajetória?
19. Quantos anos a senhora tinha? E foi por quanto tempo?
20. Como foi seu retorno?
21. Houve alguma diferença?
22. Quantos anos a senhora tinha quando conheceu o candomblé?
23. Como foi essa aproximação?
24. Sua iniciação foi em que ano?
25. Quem foi seu Babalorixá?
26. Quantos anos ele tinha quando foi iniciado?
27. Havia muitas casas de candomblé na cidade de Rio Grande?
28. Quais as primeiras festividades dentro do candomblé que a senhora vivenciou?
29. Havia festividades realizadas nas ruas protagonizadas pelo seu Babalorixá Nilo D'Xangô?
30. Com quantos anos a senhora tornou-se Iyalorixá?
31. Quem foram seus primeiros iniciados?
32. Nessa época, seus atendimentos eram no mesmo lugar em que atendias enquanto cacica de umbanda? Qual o endereço?
33. Como foi a construção da sua roça na rua Claudino Echevengá?
34. Havia festividades relacionadas ao candomblé na cidade de Jaguarão nessa época?
35. Como a senhora sentiu as primeiras participações nas festas religiosas nas ruas da cidade, agora como Iyalorixá?

FONTE: Acervo pessoal da autora, 2020.

IV. FESTA DE SÃO JORGE

1. Quando foi a sua primeira participação na Festa de São Jorge?
2. Quais terreiros estavam presentes?
3. Como era a Festa de São Jorge nessa época?
4. Como era a o trajeto? Quais lembranças tens desses momentos?
5. Em que ano a senhora começou a *puxar* a festa de Ogum?
6. Quem estava acompanhando a realização? Filhos, terreiros, parceiros...?
7. Por que a senhora resolveu começar a protagonizar esse festejo?
8. A casa do Babalorixá Nilo D'Xangô cultuava a Umbanda também?
9. Quem é São Jorge na Umbanda? E quem é Ogum?
10. Como é pensada a festa?
11. A senhora pode nos contar a importância de cada momento da celebração do dia de São Jorge e Ogum? Divulgação, arrecadação dos feijões, exposição da imagem de São Jorge, preparação da feijoada e do espaço onde é feito o ritual de limpeza e servida a feijoada?
11. Houve mudanças no modo de fazer a Festa de São Jorge?
12. A partir do momento em que a senhora começa a protagonizar a Festa, qual o trajeto realizado? Por que?
13. As pessoas que participam da Festa são em maioria praticantes de Umbanda ou Candomblé? São em maioria negras ou brancas? Brasileiras ou Uruguaias?
14. Em alguma destas edições houve financiamento de alguma instituição?
15. Como mulher negra, lyalorixá e agente cultural como se sente ao protagonizar essa Festa de São Jorge?
16. Sabemos do racismo religioso e institucional existente em nossa sociedade, a senhora pode nos relatar como essas violências lhe atingem?
17. Nesse ano de 2020, houve uma nova atuação na divulgação da Festa nas escolas públicas do município, o que lhe leva a fazer essa ação?

FONTE: Acervo pessoal da autora, 2020.

7.2 APÊNDICE B – Autorização do uso de imagem, som de voz, nome e dados biográficos.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
BACHARELADO EM PRODUÇÃO E POLÍTICA CULTURAL
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ORIENTADORA PROF^a DR^a GIANE VARGAS
GRADUANDA ÊMILY DE ARAÚJO EDWARDS



Autorização do uso de imagem, som de voz, nome e dados biográficos.

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso da minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal, para serem utilizados por ÊMILY DE ARAÚJO EDWARDS, em seu Trabalho de Conclusão de Curso pela UNIPAMPA-Jaguarão, sob o título de “PROTAGONISMO E AGÊNCIA DA IYALORIXÁ NICE D’XANGÔ NA PRODUÇÃO CULTURAL DA FESTA DE SÃO JORGE EM JAGUARÃO”.

Jaguarão,de.....de 20.....

Assinatura

Nome:
Data de Nascimento:
Endereço:
Cidade:
Estado:
RG Nº:
CPF Nº:
Telefone para contato:

FONTE: Acervo pessoal da autora, 2020.